

Às vezes é preciso se entregar a
alguém para perceber quem
você realmente é.

Presente

Da autora dos best-sellers

P.S. Eu te Amo e O Livro do Amanhã



Cecelia Ahern



Do
Presente

Cecelia Ahern

Presente

Tradução:
Ivar Panazollo Júnior







O observador de sapatos



Lou Suffern sempre tinha de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Quando dormia, sonhava. Entre os sonhos, analisava os eventos de cada dia enquanto planejava o dia seguinte, de modo que, quando o despertador tocava às seis horas da manhã, todos os dias, ele ainda se sentia cansado. Enquanto tomava banho, ensaiava apresentações e, ocasionalmente, com uma mão do lado de fora da cortina do chuveiro, respondia a alguns e-mails em seu BlackBerry. Lia o jornal enquanto tomava o café da manhã, e, quando sua filha de 5 anos lhe contava histórias malucas, o que ele ouvia eram as notícias da manhã. Quando seu filho de treze meses demonstrava novas habilidades, o rosto de Lou mostrava interesse, mas internamente tentava entender os motivos pelos quais sentia exatamente o contrário. Ao se despedir de sua esposa com um beijo, estava pensando em outra mulher.

Cada movimento, compromisso ou pensamento, de qualquer tipo, era entremeado por outro. Dirigir para o trabalho também era uma teleconferência pelo viva-voz. Cafés da manhã se transformavam em almoços; almoços, em drinques antes do jantar; jantares, em drinques após o jantar; e os drinques após o jantar... bem, isso dependia de sorte. Nas melhores noites, qualquer casa, apartamento, quarto de hotel ou escritório servia para desfrutar da companhia de outra mulher; é claro que ele convenceria

a todos que não compartilhassem de sua felicidade – especialmente sua esposa – de que estava em outro lugar. Para os outros, ele estava preso numa reunião ou num aeroporto, cuidando de alguns documentos importantes ou preso no trânsito enlouquecedor da época de Natal. Em dois lugares ao mesmo tempo, quase num passe de mágica.

As tarefas se sobrepunham. Ele estava sempre em movimento, sempre tinha de estar em algum lugar, sempre desejava estar em outro lugar ou quem sabe, graças a uma intervenção divina, em dois lugares ao mesmo tempo. Gastava o mínimo de tempo possível com cada pessoa que encontrava e se despedia certo de que tinha sido o bastante. Não permitia que as coisas se arrastassem; era preciso, sempre pontual. Nos negócios, cumpria os prazos de maneira implacável, mas, na vida pessoal, era um relógio de bolso quebrado. Lutava para atingir a perfeição no trabalho e tinha uma energia inesgotável na busca pelo sucesso. Entretanto, a ansiedade para completar sua lista cada vez maior de desejos e a ambição de atingir o topo faziam-no passar por cima das pessoas mais importantes da sua vida. Não havia espaço em sua agenda para aqueles que, em alguns momentos do dia, poderiam lhe dar mais satisfação do que qualquer novo negócio seria capaz.

Em uma manhã particularmente fria de terça-feira na região portuária de Dublin, que não parava de crescer, os sapatos pretos de Lou, impecavelmente engraxados, andavam resolutos, observados por um homem. O homem olhava para aqueles sapatos naquela manhã, como fizera no dia anterior e como, imaginava, faria no dia seguinte. Nenhum pé era melhor que o outro, ambos tinham o mesmo talento. Cada passo cobria a mesma distância, numa combinação precisa entre os dedos e o calcanhar – os calcanhares atacavam o chão primeiro, e depois os dedos faziam sua parte; os passos se flexionando no tornozelo. Perfeitos e ritmados. Não faziam o barulho pesado, que chegava a tremer o chão, dos passos das pessoas que corriam de um lado para outro sob o ar da

manhã, as cabeças ainda em seus travesseiros, enquanto seus corpos caminhavam por ali. Não, os sapatos de Lou tamborilavam tão impertinentes quanto gotas de chuva no teto de um conservatório; a barra das calças se agitando levemente como uma bandeira ao sabor da brisa no décimo oitavo buraco de um campo de golfe.

O observador imaginava que os blocos de concreto da calçada pudessem se iluminar cada vez que os sapatos pisavam neles, e que o dono dos sapatos pudesse executar um número de sapateado ao som de uma canção que falasse sobre como o dia estava alegre e agradável. Para o observador, o dia certamente seria muito alegre e agradável.

Geralmente, os brilhantes sapatos pretos, acompanhados por ternos impecáveis, também pretos, fluíam elegantemente diante do observador e atravessavam as portas giratórias, passando pelo pórtico de mármore do moderno prédio de vidro, prontos para serem espremidos no elevador e lançados aos céus de Dublin. Mas, naquela manhã, os sapatos pararam bem diante do observador e se viraram fazendo um ruído seco sobre o concreto frio. O observador não teve escolha a não ser tirar os olhos dos sapatos e erguer o rosto.

– Aqui está – disse Lou, entregando-lhe um copo de café. – Espero que não se importe: é um americano; eles estavam com problemas na máquina e não puderam fazer um latte como eu pedi.

– Devolva-o, então – disse o observador, erguendo o nariz diante do copo de café fumegante que lhe era oferecido.

O comentário foi recebido com um silêncio estupefato.

– Estou brincando – disse rapidamente, com um sorriso, ao ver a reação atordoada de Lou, temendo que o seu benfeitor não gostasse da piada e desistisse do gesto. Estendeu a mão na direção do copo, pegando-o com os dedos entorpecidos.

– Por acaso eu pareço ser alguém que gosta de leite vaporizado? – ele sorriu, antes que sua expressão se transformasse numa demonstração de puro êxtase. – Hummmmm.

Ele pressionou o nariz contra a borda do copo para sentir o aroma dos grãos de café. Fechou os olhos e inspirou, sem querer que o sentido da visão interferisse naquele cheiro divino. O copo de papelão estava tão quente, ou suas mãos tão frias, que ele as sentiu queimando; ondas de calor e arrepios percorriam todo o seu corpo. Não tinha noção do quanto o dia estava frio até sentir aquele calor.

– Muito obrigado, mesmo.

– Sem problemas. Ouvi no rádio que hoje vai ser o dia mais frio do ano. – Os sapatos brilhantes batiam contra o concreto da calçada e as suas luvas de couro se esfregavam uma na outra como prova do que ele dizia.

– Bem, eu acredito neles. Está frio o bastante para congelar o meu saco. Mas não se preocupe, isso aqui vai ajudar. – Ele soprou levemente a bebida, preparando-se para tomar o primeiro gole.

– Não tem açúcar.

– Ah, não! – O observador revirou os olhos e afastou o copo dos lábios como se o líquido ali dentro tivesse o vírus de uma doença contagiosa. – Eu posso relevar o problema com o leite, mas esquecer o açúcar é imperdoável. – Ele estendeu o copo de volta para Lou.

Entendendo a mensagem e a piada dessa vez, Lou riu.

– Certo, certo. Já entendi.

– Mendigos não podem escolher. Não é isso o que dizem por aí? Será que isso significa que quem faz caridade pode escolher o mendigo? – O observador ergueu uma sobrancelha, sorriu e finalmente tomou seu primeiro gole. Estava tão absorto na sensação do calor e da cafeína percorrendo seu corpo frio que não percebeu que, subitamente, o observador se tornara o observado.

– Ah! Eu sou Gabe – disse, estendendo a mão. – Gabriel, mas todos que me conhecem me chamam de Gabe.

Lou estendeu a mão e o cumprimentou. Couro quente contra pele fria.

– Eu sou Lou, mas todos que me conhecem me chamam de canalha.

Gabe riu.

– Bem, pelo menos você é honesto. Que tal eu chamar você de Lou até conhecê-lo melhor?

Os dois trocaram um sorriso e ficaram desconfortáveis em meio ao silêncio súbito. Dois garotinhos tentando fazer amizade no pátio da escola. Os sapatos brilhantes começaram a se mover discretamente, inquietos, tip-tap, tap-tip, os passos de Lou, de um lado para outro, tentando se manter aquecido e tentando decidir se deveria ir embora ou ficar. Os sapatos giraram lentamente na direção do prédio vizinho. Ele logo seguiria na direção dos seus pés.

– A manhã está movimentada, não é? – disse Gabe tranquilamente, fazendo com que os sapatos voltassem a ficar de frente para ele.

– Falta pouco tempo para o Natal. Esta época é sempre movimentada – concordou Lou.

– Quanto mais pessoas passarem por aqui, melhor será para mim – disse Gabe quando uma moeda de vinte centavos caiu dentro da sua caneca. – Obrigado – ele disse à senhora que não parou para largar a moeda. Analisando a linguagem corporal da mulher, seria possível até mesmo pensar que a moeda havia caído por um buraco em seu bolso em vez de ser dada como um presente. Ele olhou para Lou com olhos enormes e um sorriso ainda maior. – Viu? Amanhã o café é por minha conta – riu.

Lou tentou se inclinar o mais discretamente possível para dar uma olhada no conteúdo da caneca. A moeda de vinte centavos estava no fundo, sozinha.

– Oh, não se preocupe. Eu a esvazio de vez em quando. Não quero que as pessoas percebam a fortuna que estou ganhando – riu novamente. – Você sabe como é.

Lou concordou, embora, na verdade, não soubesse.

– Não posso deixar que as pessoas saibam que sou o dono daquela cobertura do outro lado do rio – acrescentou Gabe, indicando o prédio com um movimento de cabeça.

Lou virou-se e olhou para o mais novo arranha-céu da região das docas de Dublin, o lugar a que Gabe se referia. Com vidros metalizados, era quase como se o prédio fosse o espelho do centro da cidade. Lá estavam o barco viking restaurado, ancorado no cais; os vários guindastes; os novos edifícios empresariais que cercavam o rio Liffey; e até o céu cheio de nuvens cinzentas nos andares superiores. O prédio capturava a paisagem e a refletia de volta para a cidade como uma enorme TV de plasma. Construído em formato de vela de navio, à noite o prédio se iluminava de azul e era o principal assunto das conversas. Ou, pelo menos, fora o principal assunto nos meses seguintes à sua inauguração. A popularidade dos lançamentos nunca dura muito tempo.

– Eu estava brincando sobre ser o dono da cobertura – disse Gabe, parecendo estar um pouco preocupado com a possibilidade de ter comprometido seus possíveis rendimentos.

– Você gosta daquele prédio? – perguntou Lou, ainda olhando para ele, em transe.

– É o meu favorito, especialmente à noite. É uma das principais razões para eu me sentar aqui. O prédio e o fato de que muitas pessoas andam por aqui, é claro. A vista do prédio, por si só, não pagaria o meu jantar.

– Fomos nós que o construímos – disse Lou, finalmente virando-se para olhar Gabe outra vez.

– É mesmo? – Gabe analisou Lou mais detalhadamente. Entre 35 e 40 anos; terno elegante; o rosto cuidadosamente barbeado, liso como o bumbum de um bebê; o cabelo bem penteado, com toques de grisalho espalhados de maneira uniforme, como se alguém o houvesse salpicado com um saleiro; e além do grisalho, o saleiro também tinha espalhado charme sobre aquele homem que lembrava um astro do cinema dos velhos tempos. Suavidade e sofisticação, tudo embrulhado num sobretudo preto de casimira.

– Aposto que esse trabalho pagou o seu jantar – disse Gabe, sentindo uma certa inveja. Estava incomodado agora; percebeu

subitamente que o que era antes cortesia e camaradagem tinha se transformado em desconfiança e inveja. Pressentiu que, apesar de gostar de viver sozinho, assim que se despedisse do homem à sua frente sentiria uma imensa solidão, que nunca o incomodara antes, e seria tomado pelos ingredientes perfeitos para uma bela torta caseira de amargura: inveja, frio e solidão.

O prédio deu mais a Lou do que apenas o seu jantar. Rendeu alguns prêmios para a empresa e para ele, pessoalmente, uma casa na região de Howth e a troca do Porsche por outro mais moderno – mas ele só pegaria o carro novo depois do Natal. Lou sabia que não deveria dizer nada disso ao homem que estava sentado naquela calçada gelada, enrolado num cobertor infestado de pulgas. Ele sorriu educadamente e exibiu seus dentes perfeitamente restaurados por uma camada de porcelana. Estava, como de costume, fazendo duas coisas ao mesmo tempo. Pensando numa coisa e fazendo outra. Mas Gabe compreendeu perfeitamente as entrelinhas e isso aumentou o desconforto, com o qual nenhum deles queria lidar.

– Bem, preciso ir trabalhar. Eu trabalho...

– ... no prédio ao lado. Eu sei. Reconheço os seus sapatos. São os sapatos que passam à altura dos meus olhos – Gabe sorriu. – Mas você não estava usando esse par ontem. Acho que eram de couro marrom, se eu estiver certo.

As sobranceiras bem cuidadas de Lou se ergueram um pouco. Como se uma pedra tivesse sido jogada num lago, uma série de ondulações se formou naquela testa que ainda não havia recebido sua primeira aplicação de botox.

– Não se preocupe, não sou um desses caras que ficam perseguindo os outros. – Gabe afastou uma mão do copo quente e a ergueu para se defender. – É que já faz algum tempo que estou aqui. Na verdade, são as pessoas que insistem em passar bem à minha frente.

Lou riu e, um pouco constrangido, olhou para seus sapatos, que eram o assunto da conversa.

– Incrível. Eu nunca vi esse homem aqui antes. – Lou pensou em voz alta e, ao mesmo tempo em que falava, revivia mentalmente cada manhã que viera ao trabalho por aquele caminho.

– O dia todo, todos os dias – disse Gabe, com um falso toque de humor na voz.

– Desculpe, nunca percebi você por aqui... – Lou balançou a cabeça negativamente. – Estou sempre correndo, falando ao telefone ou atrasado para uma reunião. Sempre tentando estar em dois lugares ao mesmo tempo, como minha esposa diz. Às vezes tenho vontade de ser clonado, para dar conta de tudo que tenho de fazer – riu Lou.

Gabe abriu um sorriso curioso ao ouvir aquilo.

– Por falar em correr, esta é a primeira vez que não vejo esses garotos passarem correndo por aqui – Gabe indicou os pés de Lou com a cabeça. – Quase não os reconheço quando estão parados. Não há nenhum incêndio para apagar hoje?

Lou riu.

– Sempre há incêndios para apagar ali dentro, acredite. – Ele fez um movimento rápido com o braço e, como se um tecido fino fosse tirado de cima de uma obra de arte, a manga do seu sobretudo deslizou o bastante para exibir o Rolex de ouro. – Sempre sou o primeiro a chegar no escritório, então não há motivo para me apressar. – Ele observou o relógio com bastante atenção. Em sua cabeça, já estava conduzindo uma reunião no período da tarde.

– Esta manhã você não será o primeiro.

– O quê? – a reunião de Lou foi interrompida e ele estava de volta à rua fria, do lado de fora do seu escritório, com o vento do Atlântico castigando seu rosto e a multidão encapotada marchando em direção ao trabalho.

Gabe fechou os olhos, apertando-os.

– Mocassins marrons. Já os vi chegarem algumas vezes. Eles já entraram.

– Mocassins marrons? – Lou riu, confuso no início, depois impressionado e curioso, tentando identificar quem tinha chegado ao escritório antes dele.

– Você o conhece, anda de um jeito pretensioso. As franjas de camurça no sapato se agitam com cada passo, um cancan em miniatura. Como se ele as levantasse de propósito. Eles têm solas macias, mas batem no chão com força. Pés pequenos e largos, e ele anda pressionando a parte externa dos pés. As solas sempre ficam gastas do lado de fora.

Lou franziu as sobrancelhas, concentrando-se.

– Aos sábados, ele usa sapatos como se tivesse acabado de descer de um iate.

– Alfred! – Lou riu, reconhecendo a descrição. – Provavelmente isso acontece porque ele realmente acabou de descer do seu... – Deteve-se. – Ele já entrou?

– Há mais ou menos meia hora. Entrou e estava meio apressado, pelo que pude perceber, acompanhado por um par preto sem cordões.

– Par preto sem cordões?

– Sapatos pretos. Masculinos. Bem engraxados, mas sem um design especial. Simples e diretos, servindo apenas à função para a qual foram criados. Não dá para dizer muito mais além do fato de que andam mais devagar do que os outros sapatos.

– Você é bastante observador. – Lou o examinou, imaginando quem teria sido esse homem antes de se sentar no chão frio ao lado de uma porta; ao mesmo tempo, sua mente trabalhava em alta velocidade, tentando descobrir quem era essa outra pessoa. O fato de Alfred ter chegado cedo ao escritório o deixou intrigado. Um dos colegas – Cliff – havia sofrido um colapso nervoso e isso deixara todos empolgados – sim, empolgados – com a possibilidade de uma nova vaga. Se a saúde de Cliff não melhorasse, o que Lou desejava em segredo, grandes mudanças ocorreriam na empresa, e qualquer comportamento estranho de

Alfred era questionável. Na verdade, qualquer comportamento de Alfred, em qualquer circunstância, era questionável.

Gabe piscou um dos olhos.

– Você não tem nenhum emprego disponível para uma pessoa observadora, não é?

Lou afastou as mãos enluvadas.

– Não tenho, desculpe.

– Sem problemas. Você sabe onde me encontrar se precisar de mim. Sou o cara que usa os Doc Martens. – Ele riu, erguendo os cobertores para mostrar as botas de cano alto que estava calçando.

– Gostaria de saber por que eles chegaram tão cedo. – Lou olhou para Gabe como se ele tivesse poderes especiais.

– Receio que não possa ajudá-lo com isso, mas eles almoçaram juntos semana passada. Ou, pelo menos, saíram do prédio na hora em que a maioria das pessoas almoça e voltaram juntos quando o resto das pessoas volta ao trabalho. Basta juntar dois mais dois para descobrir o que eles fizeram nesse meio-tempo – disse ele, com uma risada. – Não há moscas à minha volta. Não hoje, pelo menos – acrescentou ele. – Está frio demais para as moscas.

– Em que dia foi esse almoço?

Gabe fechou os olhos outra vez.

– Sexta-feira, eu acho. O cara dos mocassins marrons é seu rival?

– Não, ele é meu amigo. Mais ou menos. Na verdade, diria que é um conhecido. – Ao ouvir aquilo, Lou, pela primeira vez, deu sinais de que estava abalado. – Nós trabalhamos juntos, mas, como Cliff teve um colapso, essa é uma ótima oportunidade para que um de nós... bem, você sabe...

– Roube o emprego do amigo que está doente – Gabe terminou a frase para ele, com um sorriso. – Lindo. O cara dos sapatos que andam devagar? O dos sapatos pretos? – Gabe prosseguiu. – Eles saíram do escritório uma noite dessas acompanhados por um par de Louboutins.

- Lou... Loub... o que é isso?
- Sapatos identificáveis pela sola vermelha laqueada. Em particular, esses tinham saltos de 120 milímetros.
- Milímetros? – perguntou Lou. E disse em seguida: – Solas vermelhas. Certo – ele assentiu, absorvendo as informações.
- Você podia *perguntar* ao seu amigo-barra-conhecido-barra-colega-de-trabalho quem era a pessoa com quem ele estava – sugeriu Gabe, com um brilho nos olhos.
- Lou não respondeu diretamente.
- Certo. Bem, é melhor eu correr. Muitas coisas para ver, pessoas para fazer, e tudo acontecendo ao mesmo tempo, acredita? – ele piscou de volta. – Obrigado pela ajuda, Gabe. – Ele colocou uma nota de dez euros na caneca de Gabe.
- Obrigado, cara – disse Gabe, com os olhos arregalados e imediatamente pegou a nota da caneca e enfiou-a no bolso. – Não posso deixar que saibam, lembra?
- Tem razão – concordou Lou.
- Mas também discordou.

O décimo terceiro andar

– *S*obe?

Houve um resmungo universal e movimentos de cabeça dentro do elevador abarrotado quando o homem que fez a pergunta, no segundo andar, olhou esperançoso para os rostos sonolentos. Todos, com exceção de Lou, responderam. Lou estava ocupado demais observando os sapatos que cruzavam com um passo o estreito vão, que levava ao poço frio e escuro até fundo do prédio, e entravam no espaço confinado. Sapatos marrons de bico redondo giraram cento e oitenta graus, para ficar de frente para a saída. Lou procurava por solas vermelhas e sapatos pretos. Alfred chegou cedo e tinha almoçado com os sapatos pretos. Sapatos pretos tinham saído do escritório junto com solas vermelhas. Se conseguisse descobrir quem era a dona das solas vermelhas, saberia com quem ela trabalhava e poderia saber com quem Alfred estivera se encontrando em segredo. Isso fazia mais sentido para Lou do que perguntar sobre o ocorrido a Alfred, o que indicava muito sobre a honestidade do colega. Pensou nisso no exato momento em que compartilhava o silêncio constrangedor que só é possível encontrar num elevador cheio de estranhos.

– Para qual andar? – perguntou uma voz abafada do canto, onde um homem estava bem escondido, possivelmente esmaga-

do contra a parede, e, por ser a única pessoa com acesso aos botões, foi obrigado a se responsabilizar pelo comando das paradas do elevador.

– Treze, por favor – disse o recém-chegado.

Houve alguns suspiros e uma pessoa resmungou em desaprovação.

– Este prédio não tem o décimo terceiro andar – respondeu o homem escondido.

As portas do elevador se fecharam e ele subiu rapidamente.

– É melhor decidir logo – alertou o homem escondido.

– Bem... – O homem mexeu em sua maleta, procurando pela agenda.

– Você quer ir ou ao décimo segundo ou ao décimo quarto? – disse a voz abafada. – O décimo terceiro andar não existe.

– Com certeza ele vai querer descer no décimo quarto – disse outra pessoa. – Tecnicamente, o décimo quarto é o décimo terceiro.

– Quer que eu aperte o botão do décimo quarto? – perguntou a voz, um pouco mais irritada.

– Bem... – O homem continuou a remexer seus papéis.

Lou não conseguia se concentrar com aquela conversa no elevador, que geralmente era silencioso. Estudava os sapatos à sua volta. Muitos sapatos pretos. Alguns com detalhes, alguns arranhados, alguns engraxados, alguns sem cadarços, outros com os cadarços desamarrados. Nenhuma sola vermelha à vista. Ele percebeu os pés à sua volta começarem a se inquietar; as pessoas apoiavam o peso do corpo sobre um pé, depois sobre o outro. Um par se afastou dele discretamente. Seu rosto se ergueu imediatamente quando ouviu o sinal sonoro do elevador.

– Sobe? – perguntou a jovem mulher.

Houve um coro mais animado de vozes masculinas dessa vez. Ela se colocou à frente de Lou e ele observou seus pés enquanto os homens à sua volta examinavam outras áreas do seu corpo em

meio ao silêncio pesado que somente as mulheres sentem quando estão num elevador cheio de homens. O elevador voltou a se mover. Seis... sete... oito...

Finalmente, o homem com os sapatos marrons de bico redondo fechou sua maleta com as mãos vazias e, com um ar de derrota, anunciou:

– Patterson Empreendimentos.

Lou se irritou. Fora ele que dera a sugestão de que não houvesse o número treze no painel do elevador, mas é claro que havia um décimo terceiro andar. Não havia um espaço vazio antes de se chegar ao décimo quarto; o décimo quarto não flutuava sobre tijolos invisíveis; o décimo quarto era o décimo terceiro, e o escritório em que trabalhava ficava no décimo terceiro. Mas o andar era conhecido como o décimo quarto. Ele não fazia a menor ideia do motivo pelo qual aquilo confundia tanta gente; era claro como o dia. Saiu do elevador no décimo quarto andar e seus pés afundaram no carpete felpudo e macio.

– Bom dia, Sr. Suffern. – Sua secretária o cumprimentou sem tirar os olhos dos papéis.

Ele parou em frente à mesa dela e a observou com uma expressão confusa.

– Alison, me chame de Lou, como você sempre o fez, por favor.

– É claro, Sr. Suffern – disse ela, atrevidamente, recusando-se a olhá-lo nos olhos e levantando-se.

Enquanto Alison andava de um lado para outro, Lou tentou observar as solas dos seus sapatos. Ele ainda estava em pé ao lado da mesa dela quando Alison retornou e, mais uma vez, recusou-se a olhá-lo nos olhos, se sentou e começou a digitar. De maneira tão discreta quanto possível, ele se curvou para amarrar seus cadarços e espiou por uma fresta na mesa dela.

Ela franziu a testa e cruzou as pernas longas.

– Está tudo bem, Sr. Suffern?

– Me chame de Lou – repetiu ele, ainda confuso.

– Não – ela disse, um pouco irritada, e virou o rosto. Pegou a agenda que estava sobre a mesa. – Quer ver quais são os compromissos de hoje? – Ela se levantou e se pôs ao lado dele.

Blusa de seda justa, saia justa, os olhos de Lou a examinaram antes de chegar aos sapatos.

– Qual é a altura deles?

– Por quê?

– Têm 120 milímetros?

– Não faço ideia. Quem é que mede saltos em milímetros?

– Não sei. Algumas pessoas. Gabe – ele sorriu, seguindo-a enquanto entravam em seu escritório, tentando enxergar as solas.

– Quem diabos é Gabe? – resmungou ela.

– Gabe é um mendigo – ele riu.

Quando se virou, ela o apanhou com a cabeça inclinada, estudando-a.

– Você está olhando para mim do mesmo jeito que observa as obras de arte nessas paredes – disse ela, com esperteza.

Impressionismo moderno. Ele nunca foi fã do estilo. Frequentemente, parava para observar as manchas sem sentido que cobriam as paredes dos corredores dos escritórios. Respingos e linhas em telas que alguém considerava arte, e que poderiam facilmente ser colocados de cabeça para baixo sem que ninguém percebesse. Ele também pensava no dinheiro gasto naqueles quadros e depois os comparava aos desenhos que cobriam a porta da geladeira da sua casa. Arte produzida por sua filha, Lucy. E, enquanto inclinava a cabeça de um lado para outro, como estava fazendo com Alison agora, Lou sabia que havia uma professora de jardim da infância em algum lugar com os bolsos cheios de milhões de euros, enquanto crianças de 4 anos com tinta nas mãos, línguas de fora e ar de concentração recebiam balas de goma em vez de uma porcentagem dos lucros.

– Suas solas são vermelhas? – ele perguntou a Alison, enquanto se dirigia à enorme cadeira de couro, onde uma família de quatro pessoas poderia morar confortavelmente.

– Por quê? Pisei em alguma coisa? – Ela se equilibrou num pé e saltitou levemente em volta, tentando manter o equilíbrio enquanto verificava suas solas, dando a Lou a impressão de um cachorro perseguindo o próprio rabo.

– Não tem importância. – Ele se sentou, cansado.

Ela o observou, desconfiada, antes de voltar a se concentrar na agenda.

– Às oito e meia você terá uma reunião por telefone com Aonghus O’Sullibháin para aprender a falar irlandês fluentemente e comprar aquele terreno em Connemara. Mesmo assim, para você não ficar em desvantagem, fiz os preparativos para que a conversa seja *as Béarla*¹... – Ela abriu um sorriso torto e jogou os cabelos que lhe cobriam o rosto para trás, como um cavalo faria. – Às oito e quarenta e cinco você tem uma reunião com Barry Brennan sobre as lesmas que eles encontraram no canteiro de Cork.

– Cruze os dedos e reze para que não sejam raras – gemeu Lou.

– Bom, nunca se sabe. Podem ser parentes suas. O senhor tem família em Cork, não é? – Ela ainda não o olhara nos olhos. – Às nove e meia...

– Espere um pouco. – Apesar de saber que estava a sós com Alison na sala, Lou olhava ao redor como se esperasse pela chegada de reforços. – Por que você está me chamando de senhor? O que mordeu você hoje?

Ela desviou o olhar, balbuciando alguma coisa que para Lou soou como “não foi você, com certeza”.

– O que foi que disse? – Mas não esperou que ela respondesse. – Tenho um dia longo pela frente e podia passar sem o sarcasmo, obrigado. E desde quando a agenda do dia se tornou um anúncio oficial?

– Pensei que se você ouvisse em voz alta o quanto o seu dia está ocupado, talvez decidisse me dar permissão para marcar menos compromissos no futuro.

¹ As *Béarla* significa “em inglês” no idioma irlandês. (N. do T.)

– Você quer menos trabalho, Alison? É isso que você está querendo me dizer?

– Não – ela enrubesceu. – Não é isso. Só pensei que você poderia mudar um pouco a sua rotina de trabalho. Em vez desses dias loucos, correndo de um lado para o outro, você poderia passar mais tempo com menos clientes. Assim, teria clientes mais felizes.

– Sim, sim. E então eu e Jerry Maguire viveríamos felizes para sempre. Alison, você é nova na empresa, então vou relevar; mas é assim que eu gosto de cuidar dos meus negócios, entendeu? Gosto de estar ocupado. Não preciso de duas horas de folga para almoçar ou fazer lição de casa com as crianças na mesa da cozinha. – Ele estreitou os olhos. – Você disse “clientes mais felizes”. Alguém fez alguma reclamação?

– Sua mãe. Sua esposa – ela disse, por entre os dentes. – Seu irmão. Sua irmã. Sua filha.

– Minha filha tem 5 anos.

– Bem, ela telefonou quando você se esqueceu de ir buscá-la na aula de dança irlandesa na quinta-feira passada.

– Isso não conta – disse ele, revirando os olhos – porque a minha filha de 5 anos não vai custar milhões de euros à empresa, não é? – Mais uma vez não esperou que ela respondesse. – Você recebeu alguma reclamação de pessoas que não tenham o mesmo sobrenome que o meu?

Alison pensou antes de responder.

– Sua irmã voltou a usar o nome de solteira depois que se divorciou?

Ele a encarou, irritado.

– Bem, então não, senhor.

– Por que você está me chamando de “senhor”?

– Eu pensei – disse ela, com o rosto corado – que, se você vai me tratar como uma estranha, então é isso o que eu farei também.

– Como é que estou lhe tratando?

Ela desviou o olhar.

Ele baixou a voz.

– Alison, estamos no escritório. O que você quer que eu faça? Que eu lhe diga o quanto gostei de transar com você enquanto discutíamos os compromissos?

– Nós não transamos. Apenas nos beijamos.

– É tudo a mesma coisa – disse ele, com um gesto de indiferença. – Por que está fazendo isso?

Ela não respondeu, mas seu rosto estava ardendo.

– Talvez Alfred tenha me dito alguma coisa.

Alguma coisa estranha aconteceu no coração de Lou. Algo que ele nunca sentira antes. Um tipo de palpitação.

– O que foi que ele disse?

Ela desviou o olhar e começou a dedilhar o canto da página.

– Bem, ele mencionou alguma coisa sobre você ter perdido aquela reunião na semana passada...

– Alguma coisa o quê? Quero informações específicas aqui, por favor.

Ela bufou.

– Tudo bem. Depois da reunião na semana passada com o Sr. O’Sullivan, Alfred – ela engoliu em seco – sugeriu que eu tentasse acompanhar você mais de perto. Ele sabia que eu era nova no emprego e me aconselhou a não deixar que você perdesse uma reunião importante outra vez.

O sangue de Lou fervia e sua mente funcionava em alta velocidade. Nunca tinha se sentido tão confuso. Lou passara a vida inteira correndo de uma coisa para outra, perdendo metade da primeira para conseguir chegar antes do fim da segunda. Fazia isso o dia inteiro, todos os dias, sempre sentindo como se estivesse correndo atrás das coisas, sem nunca alcançá-las. Era um trabalho longo, difícil e exaustivo. Fez enormes sacrifícios para chegar aonde estava. Amava seu trabalho, era totalmente profissional, dedicado a cada uma de suas demandas. Ser repreendido por perder uma reunião que não estava agendada quando

ele tirou uma manhã de folga o deixou irritado. O que também o irritava era o fato de aquilo ter sido culpa de sua família. Se houvesse sacrificado aquela reunião para estar em outra, talvez pudesse sentir-se melhor, mas tinha sido por causa da mãe. Na manhã daquela reunião, teve de ir buscá-la no hospital depois da cirurgia no quadril a que ela tinha se submetido. Ficou irritado com a esposa, que tinha tido um ataque de fúria diante de sua sugestão de contratar um motorista e o convencera a buscar a mãe pessoalmente. Ficou irritado com sua irmã, Marcia, e com seu irmão mais velho, Quentin, por não assumirem aquela tarefa. Lou era um homem ocupado e, na única vez em que decidira colocar a família antes do trabalho, teve de pagar o preço. Ele se levantou e andou de um lado para outro em frente à janela, mordendo o lábio com força e sentindo tanta raiva que queria pegar o telefone e ligar para toda a sua família e lhe dizer: “Estão vendo? É por isso que eu não posso estar com vocês o tempo inteiro. Estão vendo? Percebem o que fizeram comigo?”.

– Você disse a ele que eu tive de ir buscar minha mãe no hospital? – ele perguntou em voz baixa, porque detestava ter de dizer aquilo. Detestava ouvir palavras como as proferidas pelos colegas. Detestava as justificativas, o fato de deixarem a vida pessoal interferir no trabalho. Para ele, aquilo demonstrava falta de profissionalismo. Ou você fazia o seu trabalho ou não fazia.

– Bem, não, porque era a minha primeira semana no trabalho, o Sr. Patterson estava ao lado dele e eu não sabia o que você ia querer que eu dissesse.

– O Sr. Patterson estava com ele? – perguntou Lou, com os olhos quase saltando das órbitas.

Ela confirmou com movimentos de cabeça rápidos, os olhos esbugalhados como um daqueles brinquedos de pescoço flexível.

– Certo. – O coração de Lou começou a diminuir o ritmo, agora ele sabia o que estava acontecendo. Seu velho amigo, Alfred, estava aprontando algum de seus truques. Truques dos quais Lou

presumira até agora estar livre. Alfred não conseguia passar um único dia agindo com honestidade. Ele observava as coisas de ângulos estranhos e entrava nas conversas com uma perspectiva inusitada, sempre tentando compreender como poderia tirar o melhor proveito da situação.

Lou observou sua mesa.

– Onde está a minha correspondência?

– Está no décimo segundo andar. O estagiário ficou confuso por não existir um décimo terceiro andar.

– O décimo terceiro andar existe! Nós estamos nele! O que há com todo mundo hoje?

– Estamos no décimo quarto. Não incluir o décimo terceiro andar foi uma falha terrível de projeto.

– Não é uma falha de projeto – disse ele, defensivamente. – Alguns dos maiores prédios do mundo não têm o décimo terceiro andar.

– Ou telhados.

– O quê?

– O Coliseu não tem telhado.

– O quê? – ele esbravejou novamente, confuso. – Diga ao estagiário para usar somente as escadas de agora em diante, e para contar os andares. Assim, ele não vai se confundir com os números. Aliás, por que deixaram um estagiário cuidar da correspondência?

– Harry disse que está com poucos funcionários.

– Poucos funcionários? Basta uma pessoa tomar o elevador para trazer a minha maldita correspondência. Como podem estar sem funcionários? – Sua voz estava alterada. – Até mesmo um macaco pode fazer esse trabalho. Há pessoas morando nas ruas que fariam qualquer coisa para trabalhar num lugar como...

– Em um lugar como o quê? – Alison perguntou para a nuca de Lou. Ele tinha se virado e olhava pela vidraça, que ia do chão até o teto, para a calçada lá embaixo; seu rosto tinha uma expressão estranha, que ela via refletida no vidro.

Ela começou a se afastar lentamente, sentindo, pela primeira vez nas últimas semanas, um alívio pelo fato de a relação entre os dois, embora não tivesse sido mais do que alguns amassos no escuro, não ter avançado. Talvez ela tivesse se enganado; talvez houvesse algo realmente errado com ele. Ela era nova na empresa e ainda não o tinha entendido bem. Tudo o que sabia sobre Lou era que ele a fazia se lembrar do Coelho Branco de *Alice no País das Maravilhas*, sempre muito, muito, muito atrasado para um compromisso muito importante, e que ele conseguia chegar a cada um deles no momento certo. Era um homem gentil com todos e muito bem-sucedido no trabalho. Além disso, era bonito, charmoso e dirigia um Porsche, e essas eram as coisas que ela valorizava acima de tudo. Claro, ela sentiu um pouco de culpa sobre o que acontecera na semana anterior, quando conversou com a esposa dele ao telefone, mas aquilo não tinha nenhuma importância, na opinião de Alison, pela absoluta ingenuidade daquela esposa em relação às infidelidades do marido. Além disso, todo mundo tinha um ponto fraco, e qualquer homem poderia ser perdoado se o seu calcanhar de Aquiles fosse uma mulher como Alison.

– Que tipo de sapatos Alfred usa? – perguntou Lou, logo antes de Alison fechar a porta.

Ela voltou a entrar.

– Alfred? Que Alfred?

– Berkeley.

– Não sei. – O rosto dela enrubesceu. – Por que você quer saber?

– Para comprar um presente de Natal.

– Sapatos? Você quer comprar um par de sapatos para Alfred? Mas eu já encomendei as cestas da Brown Thomas para todos, como você pediu.

– Apenas descubra isso para mim. Mas não faça com que fique óbvio. Pergunte de um jeito casual. Quero surpreendê-lo.

Ela estreitou os olhos, desconfiada.

– É claro.

– Ah, e aquela nova garota no departamento de contabilidade. Qual é o nome dela... Sandra, Sarah?

– Deirdre.

– Dê uma olhada nos sapatos dela também. Veja se eles têm solas vermelhas.

– Não têm. São da Top Shop. Ankle boots pretas, de camurça, com marcas d'água. Comprei um par no ano passado. Quando estavam na moda.

Ao dizer isso, ela saiu.

Lou suspirou; desabou em sua enorme cadeira e levou os dedos ao topo do nariz na esperança de estancar a crise de enxaqueca que estava à espreita. Talvez estivesse ficando doente. Tinha desperdiçado quinze minutos da manhã conversando com um mendigo, algo totalmente estranho para ele, mas lembrou que se sentira compelido a parar. Alguma coisa naquele rapaz exigiu que ele parasse e lhe oferecesse o café.

Incapaz de se concentrar na agenda, Lou se virou novamente para olhar a cidade. Decorações gigantes de Natal enfeitavam o cais e as pontes; enfeites gigantes em forma de ramos de visco, e sinos que balançavam de um lado para o outro graças à mágica festiva do neon. O nível do rio Liffey estava alto e passava em frente à sua janela, indo em direção à baía de Dublin. As calçadas estavam abarrotadas de pessoas que iam para o trabalho, acompanhando a correnteza, seguindo a maré. Pisoteavam o concreto, caminhando com pressa entre as estátuas de cobre vestidas com farrapos e erguidas em homenagem aos que durante a época da escassez de alimentos passaram por aqueles mesmos ancoradouros para fugir dali. Em vez de pequenas trouxas, os irlandeses levavam, agora, copos de café do Starbucks numa das mãos e maletas na outra. As mulheres caminhavam para seus escritórios usando saias e tênis; o sapato de salto guardado na bolsa. Um destino inteiramente diferente daquele que os antepassados enfrentaram e oportunidades infinitas aguardavam as pessoas que Lou via caminhando lá embaixo.

A única coisa que continuava estática era Gabe, encolhido num pórtico, enrolado em seu cobertor e observando os sapatos que marchavam à sua frente; as oportunidades para ele não eram igualitárias como eram para aqueles que passavam por ali. Embora pouco maior do que um ponto na calçada, treze andares abaixo, Lou podia ver o braço de Gabe se levantar e abaixar enquanto tomava seu café, fazendo com que cada gole durasse muito tempo, mesmo se o líquido já estivesse frio. Gabe o intrigava. Não apenas pelo talento para se lembrar de cada par de sapatos que entrava no prédio, como se eles fossem uma tabela de horários, mas, muito mais incrível do que isso, porque a pessoa por trás daqueles olhos de um azul cristalino lhe era incrivelmente familiar. Na verdade, Gabe fazia com que Lou se lembrasse de si mesmo. Eles tinham idades próximas, e com um bom banho, o penteado e as roupas certas, Gabe poderia ser facilmente confundido com Lou. Parecia ser um homem afável, amigável e capaz. Poderia facilmente ser Lou sentado naquela calçada, observando o mundo passar à sua frente. Mesmo assim, suas vidas eram incrivelmente diferentes.

Naquele exato instante, como se sentisse os olhos de Lou, Gabe olhou para cima. No décimo quarto andar, Lou sentiu como se Gabe estivesse olhando diretamente para a sua alma, a intensidade daqueles olhos o queimava.

Isso deixou Lou confuso. Sabia perfeitamente que o lado de fora do vidro era reflexivo. Tinha participado do projeto e da execução do prédio. Gabe não tinha nenhuma possibilidade de enxergá-lo; o queixo no ar, mão sobre a testa para bloquear a luz, quase como se fizesse uma saudação. Só podia estar olhando para algum reflexo, pensou Lou. Talvez um pássaro tivesse atraído seu olhar. Isso mesmo, um reflexo; só podia ser isso. Mas o olhar de Gabe era tão intenso que se elevava pelos treze andares até a sala de Lou, até os olhos de Lou. Então, ele deixou de lado suas certezas e ergueu a mão, sorriu e fez uma pequena saudação. Antes

que pudesse esperar pela reação de Gabe, Lou empurrou a cadeira em que estava sentado para longe da janela e girou-a, com a pulsação acelerada, como se tivesse sido apanhado fazendo algo que não deveria.

O telefone tocou. Era Alison, e ela não parecia estar feliz.

– Antes que eu lhe diga o que estou prestes a dizer, quero apenas informá-lo de que sou qualificada pela UCD² com um diploma em administração de empresas.

– Parabéns – disse Lou.

Ela limpou a garganta.

– Bem, lá vai. Alfred calça mocassins marrons de bico redondo, tamanho quarenta. Aparentemente, ele tem dez pares dos mesmos sapatos e os usa todos os dias, então eu não acho que a ideia de lhe dar mais um par como presente de Natal seja boa. Não sei qual é o fabricante, mas posso descobrir se você quiser. – Ela respirou fundo. – Em relação aos sapatos com solas vermelhas, Louise comprou um novo par e o usou na semana passada, mas eles estavam machucando seus calcanhares, então ela quis devolvê-los. A loja não aceitou, porque ficou óbvio que ela tinha usado os sapatos, já que a sola vermelha apresentava sinais de desgaste.

– Quem é Louise?

– A secretária do Sr. Patterson.

– Preciso que você descubra com quem ela saiu do trabalho semana passada, todos os dias.

– De jeito nenhum. Isso não está nas atribuições do meu cargo.

– Você pode sair mais cedo se descobrir isso para mim.

– Então, tudo bem.

– Obrigado por ceder sob tanta pressão.

– Não tem problema. Posso aproveitar para começar a fazer minhas compras de Natal.

– Não se esqueça da minha lista.

²University College Dublin. (N, do T.)

Assim, apesar de descobrir muito pouco, a mesma sensação estranha tomou conta do coração de Lou, algo que poderia ser identificado como pânico. Mas Gabe tinha razão em relação aos sapatos e, portanto, não era um lunático, como Lou secretamente suspeitara. Gabe perguntara se ele precisava de um olho observador no prédio e, pegando o telefone, Lou repensou a resposta que tinha dado a ele.

– Ligue para o Harry, da sala de correspondência. Depois, pegue uma camisa, uma calça e uma gravata das que deixo guardadas aqui no armário e leve-as até a calçada para o cara que está sentado ao lado da porta. Leve-o para o banheiro masculino, certifique-se de que ficou bem arrumado e, depois, leve-o para a sala de correspondência. O nome dele é Gabe; Harry estará esperando por ele. Vou resolver o problema da falta de funcionários.

– O quê?

– Gabe. É o apelido de Gabriel. Mas chame-o de Gabe.

– Não, eu quis dizer...

– Faça o que eu disse. Ah, e tem outra coisa.

– O quê?

– Eu gostei muito do nosso beijo. Estou ansioso para transar com você.

Ele ouviu o leve riso que Alison deixou escapar antes que ela desligasse o telefone.

Ele conseguira de novo. Em meio ao processo de contar a verdade, ele tinha a qualidade quase admirável de contar uma mentira quase inacreditável. Ao ajudar uma pessoa – Gabe –, Lou estava também ajudando a si mesmo; uma boa ação era um triunfo para a alma. Mas, de alguma maneira, Lou sabia que além daquilo que estava tramando, e da provável salvação da sua alma, havia outro motivo, que era o começo de uma salvação bem diferente: a salvação da sua própria pele. E mais profundamente, como camadas de uma cebola, ele sabia que seu ato de caridade era estimulado pelo medo. Não apenas medo de, se toda razão e sorte falhassem,

estar no lugar de Gabe naquele exato momento, mas também, numa camada ainda mais profunda, medo de suas falhas serem expostas, de uma rachadura se abrir no projeto de carreira que tinha traçado para si mesmo. Talvez nem ele mesmo conseguisse sentir, mas o medo estava ali, estava ali o tempo inteiro disfarçado de outra coisa, escondido dos olhares de todo mundo.

Exatamente como o décimo terceiro andar.